



palavra bordada



MUSEU DA REPÚBLICA

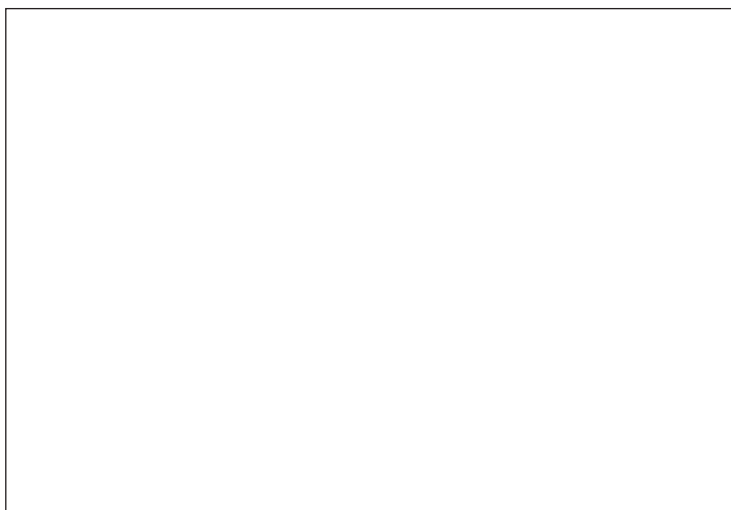
*“Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!”*

CECÍLIA MEIRELLES

palavra bordada

MUSEU DA REPÚBLICA

Rio de Janeiro • 2020



Palavra (trans)bordada

O museu que não serve para a vida, não serve para nada. Com esta assertiva estou me referindo à vida em sua concretude, em sua dimensão objetiva, a vida que nos toca viver dia-após-dia, ainda que ela mesma transborde concretudes e cotidianos; estou também me referindo à vida que se vive em relação, a vida social, a vida que exige de cada um de nós transbordamentos, exercícios de potência criativa, de imaginação criadora, de arte.

É este serviço à vida, é esta dimensão biófila que identifico no projeto **Palavra Bordada**, por isso ele me (en)canta tanto.

Trata-se de um projeto delicado e potente, nascido no Setor Educativo do Museu da República e transbordado; trata-se de um projeto que por mobilizar as energias da vida coloca múltiplos campos de ação e conhecimento em relação; trata-se de um projeto que em tempos de pandemia, provocada pela assim chamada Covid-19, produz arte, memória, história e, acima de tudo, esperança, força ativa para melhorar o mundo.

O projeto Palavra Bordada é uma explosão de agora com projeções de futuros.

Para o Museu da República o Palavra Bordada ao celebrar a potência da palavra, celebra a vida. Eis aí a museologia biófila em movimento, eis aí o Museu da República a serviço da vida. Oxalá! O que aqui se apresenta inspire outros transbordamentos.

Mario Chagas
Diretor do Museu da República

Introdução

No início era o Verbo. O que é o verbo, o que é a palavra? A palavra representa algo que somos, que sentimos ou pensamos. A palavra verbaliza e potencializa nossa expressão. E como tecer encontros com as palavras e através das palavras, sobretudo em tempos de isolamento social? Essa foi a proposta do Setor de Educação do Museu da República: bordar palavras para tecer nossa rede de diálogos. Primeiramente, à distância. E, depois, quando novos tempos soprarem, tecermos juntos um grande painel coletivo, com as palavras bordadas por cada uma.

O Projeto Palavra Bordada é uma ação educativa que teve como objetivo conceber um grupo cujas participantes, individualmente e em seus respectivos abrigos, criassem um bordado a partir da palavra ou expressão que mais a representasse nesse momento. Para tanto, foi necessário antes (trans)bordar a si mesma, através de reflexões e exercícios semióticos. Como uma teia formada por muitas Aracnes, de várias idades e cidades do Brasil, cada uma foi ponto decisivo na rede polissêmica que uniu mulheres em torno do fazer, do criar, do cuidar de si e da outra. Tal qual na roda do destino, foram todas fiandeiras de suas vidas.

O primeiro desafio foi conceber um projeto à distância em torno de uma prática reflexiva coletiva. Como resolver? Foi então criado um grupo em aplicativo de mensagens, para possibilitar o diálogo. As aulas eram feitas através de vídeos, que convidavam todas ao exercício da percepção do bordado em toda sua dimensão teórica e estética, como ferramenta de expressão e também, como a história mostra, de denúncia. Foi discutida a trajetória das mulheres nas artes, bem como as muitas dificul-

dades encontradas por elas e por todas que fazem da arte uma forma de dar sentido ao mundo. Foram igualmente realizadas duas reuniões online, pensadas como experiências de rodas virtuais de bordado, de trocas e de dúvidas.

Mais do que um grupo de bordado, formou-se uma rede de Penélopes, ávidas por tecer seu grande manto em conjunto. Nesse manto, posso dizer que meu papel foi simplesmente fornecer a linha e a agulha para cada ponto ser belamente contado. Nada mais fiz do que fazer jus ao meu ofício de mediadora e ao meu compromisso de criar um espaço de acolhimento, empatia e cumplicidade para que as narrativas tomassem forma. Ao final, depois de trabalhar arduamente sua palavra, as fiandeiras colocaram mãos às obras. O resultado está aí, o registro de seus processos e profundos mergulhos na alma, representados por suas palavras bordadas, faladas e escritas. Que o Projeto possa reverberar em cada leitor(a) da mesma forma que reverberou nas mulheres que dele foram protagonistas. Assim, o Verbo deu início à Roda que, como todo círculo, é infinita e está sempre em movimento.

Para finalizar, após o encerramento do isolamento social, todas serão convidadas para um encontro presencial no Jardim do Museu da República a fim de tecer, em conjunto, um painel com as palavras bordadas individualmente, criando assim uma grande colcha de retalhos memorialística e contemporânea.

Christine Azzi

Setor Educativo do Museu da República

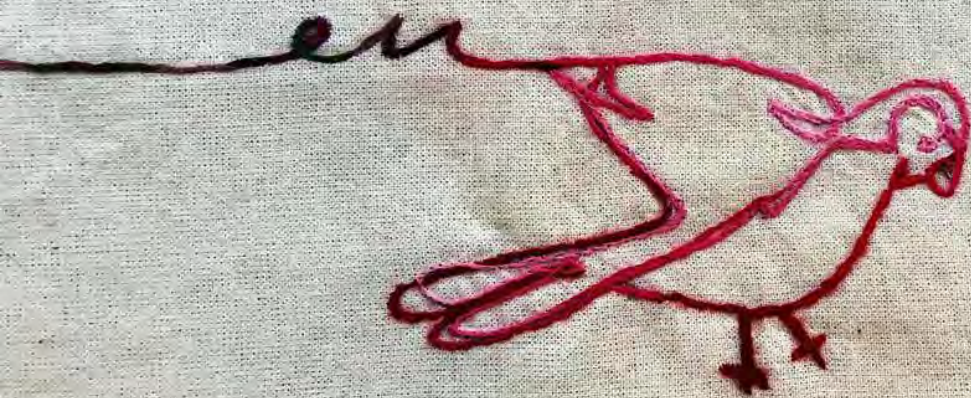
Coordenadora do projeto Palavra Bordada

QUANDO EU VI SOBRE O PROJETO PALAVRA BORDADA, eu pensei que palavra ou frase condensaria os muitos sentimentos que esta época de tantas incertezas me trazia. Me veio Quintana, com suas doses de luta política, realismo e liberdade. Acho que a certeza de que este momento também passará é fundamental para manter o eixo e a alegria. Ter parcerias nesse processo tem sido muito bonito. Linda oportunidade estar aqui!

Elizabeth Motta

Rio de Janeiro, RJ

elles passera



et

PREPAREM-SE, PORQUE LÁ VEM uma historinha familiar. No dia do início do Projeto Palavra Bordada, 20 de abril, uma prima muito amada faleceu depois de quase quatro anos de luta contra uma doença cruel. Fomos criadas como irmãs. Ela era filha única e não teve filhos, mas amou minhas filhas como sendo uma segunda mãe.

Daí a escolha da palavra *Ir -Mães*, com a ousadia de cometer uma “desobediência gramatical “ com o plural de irmã. E os três balões deixaram ela IR, tal qual os lençóis brancos colocados para secar fizeram ascender aos céus a bela Remédios Buendia, em Cem Anos de Solidão. Ousadia minha? Delírios da pandemia são permitidos. Bem, isso tudo pra dizer que vocês, involuntariamente, participaram comigo de uma Cerimônia de Adeus, entre lágrimas, linhas, medos, agulhas, angústias, seus relatos emocionantes e as lembranças divertidas de duas mulheres que caminharam juntas por quase 70 anos. Agradeço a todas pelo incentivo, especialmente à Christine, por esse olhar amoroso, nesse momento tão sensível.

Leila Carrilho

Rio de Janeiro, RJ



Tr Mães

Leila

NO MEIO DE UMA PANDEMIA o projeto Palavra Bordada propôs uma rede de apoio entre mulheres incríveis. Soube do projeto por uma professora querida que eu admiro muito, Marilucia Bottallo. Em tempos de isolamento social e todas as crises que o nosso país enfrenta, fiquei refletindo sobre como isso nos afeta e quais estratégias eu poderia me posicionar. Acabei escolhendo a palavra Silêncio. A partir das orientações da Chris, pude pensar em outros desdobramentos dessa palavra, que me levaram a momentos de introspecção, onde reflito sobre mudanças, ritmos, noções de tempo e escuta. Às vezes é essencial fazer uma pausa.

Muito obrigada por essa experiência, foi muito especial e bonito de ver a sua condução com o grupo e a forma como o projeto se tornou uma rede de apoio em meio a uma pandemia. Parabéns pelo trabalho incrível.

Amanda Falcão

São Paulo, SP

SILÊNCIO
DESACELERAÇÃO
ESCUTA ATIVA
MUDANÇA
RITMO TEMPO
PRESENÇA
AUSÊNCIA
PAUSA

AF

PARTICIPAR DO PROJETO “A PALAVRA BORDADA” levou-me a uma viagem intensa nas minhas memórias. Na busca por referências de minha avó materna, acabei descobrindo os lenços para os namorados, típicos do Norte de Portugal. Comprei linhas, num antigo armário que visitei em Póvoa de Varzim, bastidores e agulhas. Acabei guardando tudo isso, juntamente com os pretensos bordados de ponto cruz, iniciados em outros momentos e inacabados. Inacabados por querer que fosse perfeito. Imaginava o avesso. Mais uma vez remetia à infância e recordava que o primor de um bordado estava no avesso perfeito.

Não entendia bem o que acontecia comigo. Uma pessoa ligada às artes, a museus, à cultura, aos fazeres, ao construir e desconstruir. Porque eu não conseguia simplesmente bordar, sem me preocupar com a perfeição, simplesmente como algo prazeroso? Ao ver o anúncio do projeto do MR pensei: pode ser uma boa oportunidade. Estou em casa, isolamento social. Fiz a inscrição.

Tudo começou. Vídeos da Chris. Mensagens do grupo. *Lettering*. Pontos. Juntar palavras. Voltar a brincar com as palavras. Desafios. Olhares novos. Florescimento. Grupo de Mulheres. Mensagens estimulantes da Chris, das colegas, enfim... Pensamentos se expandindo. Breve e intensa convivência. Foram vinte dias, mais de 20 mulheres. Na tentativa do bordar, laços se formaram, o encontro virtual aconteceu. Percebi então que o bordado, assim como a escrita, poderia vir a ser algo lúdico, prazeroso, possibilitava extravasar. Frente e verso (avesso) poderiam ser imperfeitos. Aqui em casa, as linhas se reencontraram com as agulhas, estabeleceram um diálogo com o tecido e saiu um bordado. Um bordado carregado de muito significado para mim, um bordado libertador.

Já estou fazendo outros projetos/bordados. E cada vez que algo me chocar, me deixar sem palavras, estarrecida, transformarei em bordado livre. Porque o melhor do bordado livre, me parece, é isso: permite-me bordar o que eu quiser, da maneira como eu quiser.

Maria Cristina Leitzke

Porto Alegre, RS



MC

ESCOLHI A PALAVRA VIDA. Em um momento em que estamos tentando preservar a nossa vida e dos outros, as vidas são muitas vezes tratadas como números. São x doentes e y morreram, não contam que cada vida importa para uma família. Uma mãe, um filho, uma irmã, uma amiga... por isso a “vida é tão rara”...

Com relação à oficina, gostaria de dizer que adorei! Foi lindo e emocionante aprender com a Christine e com as mulheres do grupo. Foi uma troca muito rica, que agregou muitas de nós neste momento que estamos tão isoladas. Não posso dizer que me libertei dos padrões do bordado, pois sou iniciante, mas certamente me encorajou a ter meus traços e palavras nos próximos bordados que eu fizer.

Renata Bacellar

Nova Friburgo, RJ

A VIDA

é tão

RARA

RBM✱

NOS PRIMEIROS DIAS DE 2020 acordei várias noites com sensação de morte. Aconteceu nos dias que precederam o eclipse lunar de 10 de janeiro. Em março, a epidemia de coronavírus chegou ao Brasil e foi decretada a pandemia pela OMS. Como enfermeira, trabalhadora da linha de frente no SUS, me vi diante da morte. Foi difícil me deparar com o que essa doença trazia: a possibilidade da minha morte, da morte daqueles que eu amo. No processo de introspecção, duas referências: o conto da Vasalisa, contado por Clarissa Pinkola Estés em “Mulheres que correm com os lobos” e a Bênção da Noite (os versos que ecoam são “o presente das trevas é coragem, o segredo da noite é proteção”). Confrontar minha sombra, um processo ativado pela energia do eclipse, me fez olhar e entender a morte de outra forma: um desapego da vida, a morte como transição e iniciação ao Grande Mistério. O fim de um ciclo, o início de outro. Comecei um processo de reencontro com a minha Espiritualidade.

Em 20 de abril comecei a oficina. No final dessa semana, dia 24 (Lua Nova) começamos a planejar nosso projeto. Momento de reflexão, com a Teia de Aracne. Minha palavra foi Morte, e das que surgiram na Teia, escolhi Iniciação. A morte física é a grande Iniciação. Quantas mortes sofremos em vida, quantas iniciações passamos? Junto à palavra Iniciação escolhi desenhar a caveira. Ela representa a morte, e também a sabedoria conquistada por Vasalisa após sua iniciação com a Baba Yaga. As flores nos olhos da caveira, inspirada nas caveiras mexicanas, as formas em espiral, o ciclo lunar... Os desenhos foram fluindo na composição de forma irracional, e agora percebo muitos sentidos: os ciclos vida-morte-vida, representados pela espiral e pelas luas; os olhos da caveira com as cores amarela e laranja remetem a luminosidade no interior da caveira de Vasalisa, a caveira cheia de luz que representa a conquista de uma iluminação interior; as espirais ao lado da caveira remetem a uma imagem de útero/ovários com a caveira ao centro. O útero é o órgão que nos proporciona a vivência da nossa natureza cíclica feminina, onde vivenciamos os ciclos de vida-morte-vida em nosso corpo.

Hoje, dia 10 de maio, Lua Cheia, nasce essa catarse. É a materialização de um processo de elaboração da morte e dos sentidos da existência.

Clarissa Bottari

Rio de Janeiro, RJ

Iniciação



© 2015 by M3B

A VIDA É FEITA DE MOMENTOS BONS E RUINS, angústias, alegrias, amor... Sentimentos que fazem parte de nós. Nossos sentimentos influenciam nosso dia-a-dia.

A vida nos faz luz, escuridão, despertar, mudar, inovar, experimentar, amar.

A Vida é um processo e estamos a todo momento mudando, aprendendo, renovando, amando, nos adaptando. A vida é sempre um desafio.

Por isso o que me inspira é a vida.

Cleide Menezes

Porto Alegre, RS

O que me
inspira:

Vida

Cleide
05/2020

VOU COMEÇAR ASSUMINDO QUE EU TINHA PRECONCEITO com o bordado, tricô, crochê. Levei mais de 30 anos para voltar a experimentar e ver se eu superava as primeiras impressões ruins que tive na infância, quando minha avó tentou me ensinar e eu só lembro que achei tudo muito chato. Eu via essas manualidades como coisa de mulheres antigas, que as mulheres modernas não deveriam fazer para não perder nosso precioso tempo com besteiras. Fora que minha avó cobrava muito a perfeição, se o ponto não estivesse perfeito não prestava.

Agora em abril, quando a Júlia me chamou para participar do Projeto Palavra Bordada com a Christine do Museu da República, imaginei que ia aprender alguns pontos de bordado para começar a incluir palavras nos fotomosaicos bordados do meu projeto @bailandoalareimperfecto. Mas a experiência junto ao grupo de mulheres que foi formado foi muito mais significativa. Nossas trocas de depoimentos e processos de criação, desde a seleção das palavras que seriam bordadas até as artes finais, foi incrível. Além de formamos um ambiente de apoio mútuo, sem cobranças pela perfeição, falamos de várias questões que nos afetam como mulheres de um modo geral e descobrimos referências lindas de outros projetos que utilizam o bordado como expressão de resistência feminina, como o documentário do MAB e as *arpilleras*.

Minha teia de palavras começou com “Sombras”, não só pelo momento atual, mas porque estou num processo de encarar e chamar minhas sombras para tomar um café comigo todo dia. Depois veio a frase “Mulher servidão”, da combinação de “Mulher multidão”, título de uma peça que vi da Maria Rezende, com servidão, palavra que me veio muito forte nos últimos meses. Sim, palavras pesadas, mas infelizmente verdadeiras. A condição natural de cuidadoras das mulheres é apenas mais um dos nossos talentos que foram distorcidos ao longo dos séculos, sendo convertida em servidão aos filhos, à família, ao marido e até ao trabalho e às amizades. Por sermos mulheres, temos de estar sempre disponíveis para cuidar e suprir todas as necessidades das outras pessoas. Algumas das minhas opções são “As sombras retiram a mulher da servidão”, “O caminho para sair da servidão passa pelo fundo do abismo das nossas sombras” e “Pelas sombras a mulher enxerga a servidão que lhe foi imposta”. Então no fundo a mensagem é positiva,

apesar de sombria. Outras inspirações foram os mitos de Aracne, Athena e Medusa. A última me veio nos últimos dias e quis espalhar seus cabelos tão temidos pelos poros do bordado, tecendo a teia que Aracne queria construir. Muitos desses fios ficaram soltos de propósito, para que a própria manipulação da obra traga novas vidas por meio do entrelaçamento de novos símbolos.

O bordado tem sido mais uma ferramenta de resgate da minha ancestralidade feminina, especialmente para ressignificar as vivências da minha avó materna. Ela é uma dessas mulheres guerreiras, órfã ainda criança, enfermeira da época em que elas eram formadas pela necessidade de atender as pessoas num vilarejo do interior que não tinha médicos. Ela complementava a renda da casa por meio do bordado, crochê, tricô; trazendo também essa questão da importância da geração de renda para a independência das mulheres.

Luiza Ponciano

Rio de Janeiro, RJ



MEU TRABALHO E PROCESSO foram um retorno afetivo à infância - tinha uma tia, esposa do tio músico, que bordava pedrarias pra uma costureira famosa da minha cidade natal. Eu olhava fascinada as lantejoulas, miçangas, linhas, riscos, os vestidos... Ela estava sempre bordando. Foi ela que me ensinou o ponto corrente, mas não fui muito adiante nesse mundo.

Adulta, aprendi o ponto cruz, e bordava por prazer. Então, foi assim, esse resgate de uma aprendizagem da infância, o desafio da lettering, de novos pontos (num bate papo no Zoom, a Chris me desafiou a usar outros pontos), de criar o meu bordado. Da liberdade de errar, voltar, deixar errado. Do ponto inseguro, infantil, irregular, da ousadia de fazer o ponto no avesso, porque achei mais bonito, de ser instigada a buscar e criar mais. E, ainda, de encontrar gente tão criativa, tão generosa, tão amorosa como encontrei nesse grupo.

Que novos encontro e trocas e aprendizagens continuem acontecer. Grata! Gratidão a Cristina Leitzke e a Chris! Uma por ter me convidado e me buscado para participar, a outra por ter nos inspirado, nos instigado, nos desafiado, compartilhando conosco uma parte seu conhecimento, proporcionado esse momento tão potente, de uma ligação tão genuína e forte num momento de isolamento social, mas de muita troca de afeto, histórias e memórias entre essas mulheres do Brasil.

Sobre meu bordado: acredito que tudo vai passar, que vamos passar por isso e, mesmo com muito medo dessa ameaça invisível, vamos partir para uma vida de maior qualidade em todos os sentidos. O sol, que não consigo pegar aqui no meu apartamento, vai continuar a brilhar e nos aquecer, e nos dar vida. As estrelas, vão continuar nos inspirando e nos instigando sobre seus mistério. A transcrição da expressão bordada para o Braille, nos fala sobre a inclusão. No meu caso, trabalhei com Educação Especial, mas acredito e sempre lutei pela inclusão e por um mundo com mais justiça social.

Denise Flores

Porto Alegre, RS



DESCOBERTA É A MINHA PALAVRA DE ORDEM nesses tempos que estamos atravessando. Descobrir minhas dificuldades, aptidões, erros e acertos está exigindo todos os meus sentidos, representados no meu bordado pelos olhos entre as sílabas.

No processo da descoberta, alcancei meu jardim interno, no centro do qual está minha visão modificada, sentimentos transformados em flores e borboletas, símbolo de renascimento. Meu nome é Renata que quer dizer renascida.

Renata Bernardes

Rio de Janeiro, RJ



Me chamo Gabriela, pensei por um tempo durante as oficinas até decidir qual seria a Palavra Bordada escolhida. Para mim, a Primavera tem uma simbologia muito importante desde que vi a “Sagração da Primavera” no balé. Tem sido um tema que reverbera em mim de muitas maneiras. Talvez pq o espetáculo russo tenha dado início ao meu retorno de Saturno hehe...

O fato é que esse processo de sagrar a primavera e deixar morrer as sementes para que elas se tornem plantas, árvores e florescerem, depois frutificarem acontece constantemente em mim. Independente da época do ano ou da vida, passamos por redescobrimientos e flores cimentos a caminho do autoconhecimento.

Sobre a frase, esse momento é de isolamento, mais do que tudo é de espera. Esperamos para nos reencontrar, para sair, esperamos a cura do vírus, esperamos a solução, esperamos o pior quando o pessimismo toma conta das nossas mentes por alguns instantes; esperamos as coisas se resolverem; esperamos o MP decidir a volta ao trabalho nas escolas... e a esperança também espera tempos melhores.

Enfim, esperamos que passe o outono e o inverno para a chegada da primavera, mas enquanto isso esse tempo também é de criação, reflexão, resignificação e transformação. Então “a primavera é quando ninguém mais espera”...

Gabriela Buda

Cachoeira de Minas, MG



PARA NOSSO PROJETO, escolhi a palavra “visível”. Uma angústia me acompanha neste isolamento, algo que beira o infantil: tenho medo de que aquilo que não vejo não exista mais. Quando comecei com esse pensamento, ri. Depois virou uma insegurança real. Um questionamento insano que me acompanhava a todo momento. E se não houver mais praia? E se nunca mais houver aquele fervor noturno e colorido da Lapa? E se as ruas não ficarem mais apinhadas de gente de todas as cores, de todos os credos, de todos os todos? E se meu pai, que não vejo, não estiver mais lá quando tudo isso acabar? E se o que não é visível não estiver me esperando, esperando que cada uma de nós possa ir, pisar, estar, pegar com as mãos?

HELENA, 7 ANOS, BORDOU UMA FOLHA DE ÁRVORE. Ela fez o traço com canetinha e eu reclamei: “canetinha, Helena? Se vc errar, como vai apagar? Tinha que ser de lápis”. A resposta, sempre na ponta da língua, típico de criança: “mas você diz que não existe errar em arte, mãe!”. A folha, feita tal e qual ela quis e desenhou, foi transformada em arte com ajuda do pai, num processo bonito de cumplicidade, ancestralidade e aprendizado. A folha representa a árvore, que está lá fora. A folha voa ao vento, livre. A árvore nasce, vive e morre, como a gente.

ESTELA, 3 ANOS, ESCOLHEU O DESENHO da janela sem pensar demais - 3 anos, né? Rs. As respostas brotam tão rápido quanto as perguntas. “Estela, o que você pensa sobre lá fora?”. A resposta vem, enquanto ela corre pro quarto: “lá fora? Pela janela, mamãe”. O bordado foi mais uma vez junto com o pai, puxando as linhas, escolhendo as cores, se distraindo, rindo do desenho ganhando forma. Quando o pai sugeriu colocar um sol, ela saiu cantando “amigo sol, sol, meu amigo sol, brilhe para mim” pela casa, o que ainda faz cada vez que pega na talagarça. Foi um processo bonito e foi bonita a interação com o pai. Então agradeço de coração a este projeto, pela acolhida no grupo e, em especial, à Chris que prontamente criou uma estratégia para que minhas meninas participassem, quando dividi com ela que elas não me deixavam fazer o meu pois queriam participar, rs. Os momentos do pai com as meninas renderam lindas fotos, aprendizado e criação de memórias-base (essa vai pra quem viu Divertidamente).

Sarah John, Helena e Estela

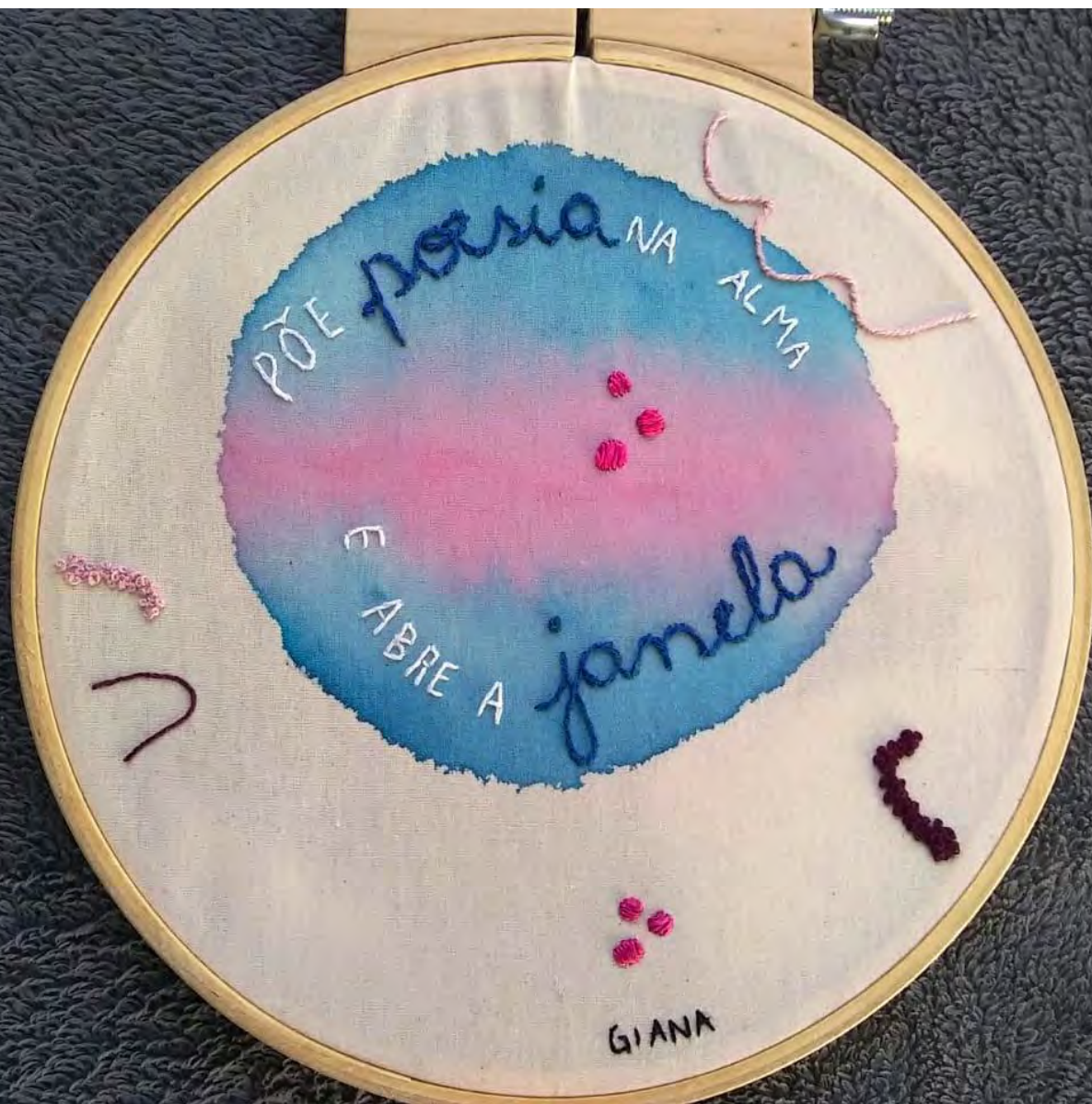
Rio de Janeiro, RJ



FOI UMA EXPERIÊNCIA INCRÍVEL participar do Palavra Bordada, primeiro por todos os relacionamentos tecidos enquanto caminhamos no processo dos bordados. Em tempos de isolamento, foi um refúgio conversar com mulheres de todo canto e compartilhar angústias, medos e as pequenas alegrias. Meu coração ficou maisquentinho como a sensação do sol do outono. Também foram muito relevantes todas as conversas com a Chris sobre o processo do bordado. Há muito tempo eu vinha pensando nos contextos de arte têxtil, especificamente, o bordado e é muito difícil localizar esses conteúdos e quem saia do mais tradicional de ensinar os pontos básicos. Então foi uma surpresa e uma das melhores coisas da quarentena para mim. Mesmo que brevemente, me ajudou a repensar meu próprio processo criativo. Aproveitei para explorar formas abstratas, que sempre tive vontade de fazer.

Giana Guterres

Curitiba, PR



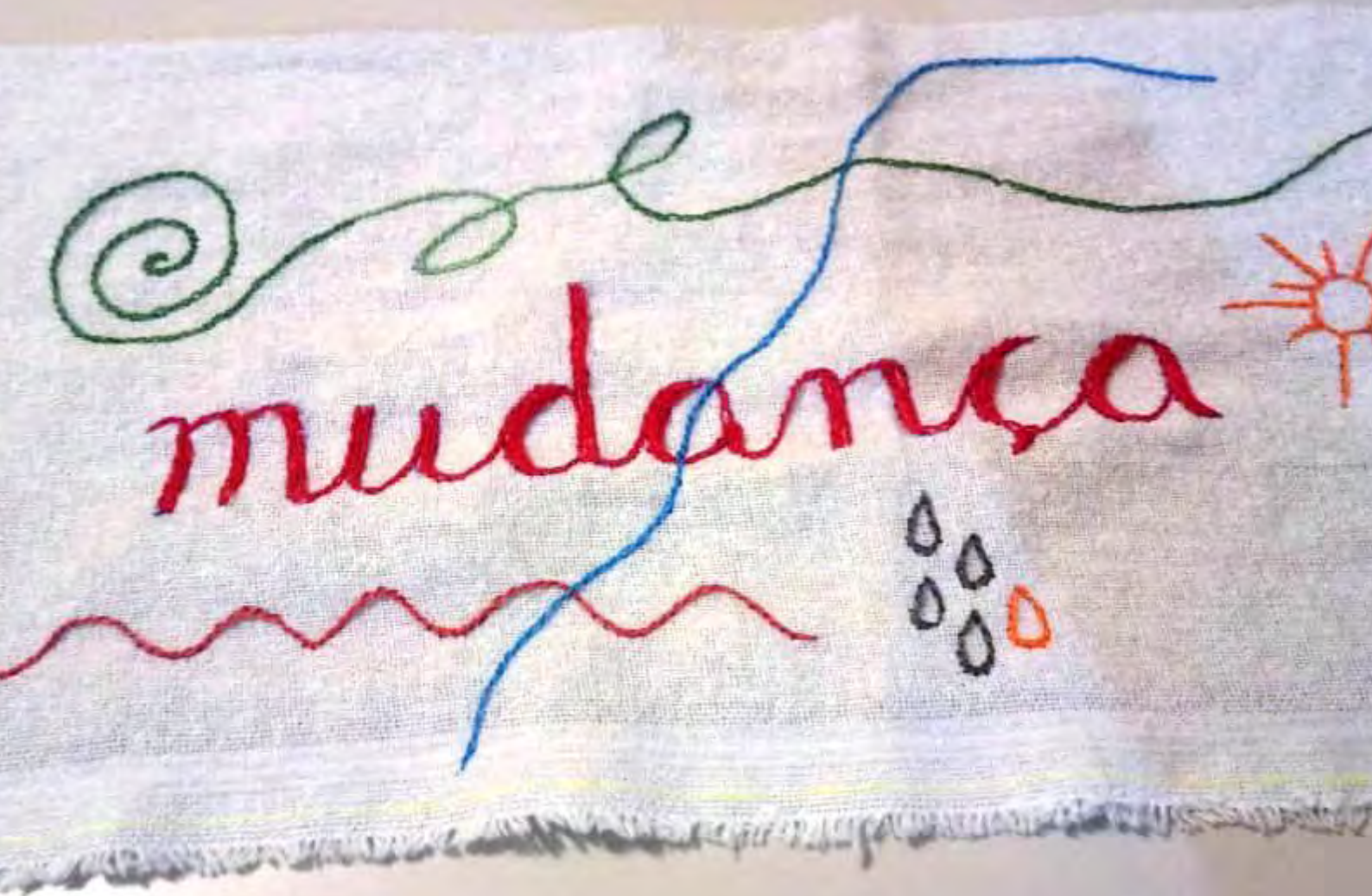
FOI MUITO BOM E INSPIRADOR participar desta oficina. Aprendi a bordar ponto cruz quando criança, com minha mãe. Ela não está comigo há alguns anos e, por diversas questões, estou em um processo de trabalhar minha relação com a memória dela. Então, retomar o bordado justamente nesse momento, e concluí-lo ontem, Dia das Mães, foi muito simbólico para mim.

Encontrei na minha caixa de materiais e linhas organizadores de meadas feitos por ela que não via há anos e que me confirmaram a importância de dar mais espaço para as boas lembranças na minha vida hoje. Foi desafiador fazer um ponto que eu não conhecia e lidar com as “imperfeições”, além da fluidez do bordado livre, que gostei muito! A palavra escolhida, Mudança, estava muito forte na minha vida pois logo antes da quarentena mudei de setor no trabalho e mudei de casa, e aí passou a vigorar o isolamento social em Porto Alegre.

Quando fiz a teia, percebi que tinha mais palavras remetendo ao lado “negativo” das mudanças (ansiedade, apego, medo...). Tive que intencionalmente procurar palavras que me fizessem ver o outro lado (acho que precisava convencer a mim mesma). Mas, ao finalizar o bordado, creio que as linhas não me remeteram à angústia, mas a um caminho possível. E acho que as linhas voltaram para ficar.

Polliane Trevisan Nunes

Porto Alegre, RS



MINHA PALAVRA FOI SAUDADES e o processo de construção desse bordado foi feito com o que minha mente acabou me guiando. O ponto atrás é o que eu me dou melhor, e com ele ligo ao processo de voltar às minhas memórias. As cores quentes lembram o calor no coração e ao mesmo tempo o desbotamento das folhas no outono que são levadas, deixando apenas a memória dos dias que ela esteve ali, e para depois de um tempo se reinventar em coisas novas.

Julia Mayer

Rio de Janeiro, RJ



MINHA INSPIRAÇÃO PARA O BORDADO veio das curvas femininas e das paisagens sinuosas, cujos contornos suaves nos definem e nos rodeiam, encobrendo os conflitos de um interior errático e cheio de vida.

O projeto Palavra Bordada trouxe a oportunidade de troca e aproximação com um grupo de mulheres incríveis, materializando a arte como enfrentamento em tempos tão sombrios. Nunca tinha tido contato com essas teorias do bordado como subversão e expressão artística, achei maravilhoso.

Apesar de ter aprendido a bordar com minha mãe, ela já não borda há décadas. Assim, na prática não tenho com quem conversar sobre bordado... Foi mais especial por isso.

Obrigada Christine, pela dedicação e generosidade.

Juliana Pardal

Niterói, RJ

contornos



UM NOVO DIA SE INICIA e novas oportunidades aparecem! Essa é a foto do meu bordado... Diferente da maioria o meu eu fiz simples, mas com grande significado. Essa palavra me acompanha desde 2017, que foi o ano que passei por coisas muito tristes, pesadas e doloridas. Encontrei nela uma força para recomeçar e ela vem me acompanhando desde então. Quando me inscrevi para esse projeto, no fundo eu já sabia que seria ela. Durante o processo de *lettering* e começo do bordado eu testei algumas coisas e vi que estaria mais confortável e faria mais sentido se eu fizesse da maneira como tudo começou pra mim. Um ponto simples (ponto atrás), mas que te dá mil possibilidades, algumas curvas imperfeitas, pois é o que somos. Escrevi mais coisas, mas estava deixando o bordado triste (pois era como estava me sentindo no momento que escrevi), mas resolvi apagar porque lembrei que palavras tem poder. Achei melhor colocar o que quero pra mim: alegria, leveza e fluidez. Queria também agradecer a essa linda rede de Apoio que encontrei aqui.

Levarei vocês comigo para sempre... com certeza, alguns daqueles nós da minha florzinha, são vocês. Obrigada por caminharmos juntas nessa jornada.

Fernanda Seixas

Rio de Janeiro, RJ

flower

NANDA

ESCOLHI A PALAVRA “CAMINHOS” porque simboliza muito esse momento de dúvidas e angústias. Também tentei agregar sílabas que formassem palavras que levassem a refletir possibilidades e alternativas como: a-brir, des-co-brir, re-a-brir, re-des-co-brir e re-des, assim como a palavra ré (ficou sem acento mas considero licença poética), significando que às vezes é necessário voltar/olhar pra trás e redefinir metas e estratégias, e até mesmo ressignificar contextos. O desenho foi pra dar ideia de uma pessoa em movimento – ela está dando um passo, ainda que com muitas dúvidas –, e a palavra redes também entra para refletir sobre as conexões que criamos. Nesse projeto Palavra Bordada, por exemplo, cada depoimento sensibilizava e também dava força, mesmo a distância e sem nos conhecemos – assim como a própria descoberta do bordado –, pra mim foi incrível. Nunca tinha pego em agulha, não tinha a menor ideia de linhas, enfim, não sabia nada (como vocês podem ver pelo bordado), porém foi um universo que se abriu. Nunca dei importância para esse trabalho – talvez preconceito com as bordadeiras, ou até inveja pela minha ausência de habilidades manuais, sei lá – e aprender que além de lindo ele também é uma expressão de resistência foi muito significativo, me fez lidar com meus preconceitos e julgamentos e como lido com eles. Enfim percebo que ainda tenho um longo caminho a percorrer como ser humano. Quanto ao processo foi bem difícil, sequer consegui separar a linha de meada, ficava esfiapada, acabei fazendo com ela grossa mesmo. O resultado parece o desenho de uma criança sendo alfabetizada, mas é exatamente assim que me sinto. Aproveito para agradecer a todas as meninas do projeto, principalmente a professora Christine, que foram super solidárias e acolhedoras. Espero que esse projeto tenha continuação. Muito obrigada por oportunizar essa experiência. Um grande abraço e aguardo o próximo curso.

Adriana Cavadas

Rio de Janeiro, RJ



A PALAVRA QUE EU ESCOLHI e com a qual eu me identifico mais nesse momento é a (falta de) liberdade. E o barquinho à deriva a representa.

Fátima Rozadas

Rio de Janeiro, RJ



Liberdade



*Algum dia...
Respiraremos o ar da verdade
Algum dia...
Nadaremos juntos na utopia
Algum dia...
Veremos a luz do dia e a noite
Algum dia...
Creeremos em nos
Algum dia...
Teremos tempo para todo o que e preciso*

ESCOLHI BORDAR A PALAVRA ALGUM DIA... pois vivemos momentos de incertezas, e sentimentos opostos nesta quarentena, e que pegou todos de surpresa. O projeto Palavra Bordada, ministrado por Christine Ferreira do Museu da República do Rio de Janeiro, me ajudou a voltar a criatividade no meio do nada e do todo ao mesmo tempo.

A experiência foi muito enriquecedora, já que me deu novas referências de artistas têxteis. Além disso, foi muito lindo poder conhecer bordadeiras de várias latitudes do Brasil, mesmo que tenha sido pelo meio virtual. Achei uma linda maneira de abraçar nossos corações cheios de preocupações, dúvidas, emoções e sonhos. Durante esses dias compartilhamos um pouco de nós com outras pessoas que ainda não conhecemos presencialmente, mas isso tem nos ajudado a levar esses dias que ainda não tem um ponto final.

Itandehuy Castañeda

mexicana radicada em Goiânia, GO



Algun dia

Andressa Lima

Fortaleza, CE

boketto.



VEJO A VIDA como um caminho que traçamos mas ao mesmo tempo somos traçados. Sabemos que vamos passar por montanhas mas não sabemos ao certo a intensidade, por isso procuro sempre manter meu sistema alerta interna e externamente: para ter consciência de subir o quanto consigo subir e descer o quanto consigo descer, aproveitando cada pedaço.

Beatriz Lopes

Rio de Janeiro, RJ



wel caminam

B. LOPES

A LEITURA SEMPRE FOI UMA GRANDE PARTE de quem eu sou. Ao fazer a Teia de Aracne, percebi que cada palavra me remetia a livros, histórias, e ao estudo. A leitura não é somente uma forma de viajar para mundos distantes e fugir da realidade, mas também é uma janela que nos faz enxergar o mundo com novos olhos.

Num tempo com tantas notícias, tantos “disse-me-disses”, tanta gente com a razão, existem poucas pessoas que realmente procuram saber e entender de fato o que está acontecendo. Poucas pessoas lêem de fato as notícias e muito menos pensam por si mesmas.

Esta foi a inspiração para o meu bordado. Leia antes de pensar. Não pense somente aquilo que te obrigam ou o que te mostram da televisão. E não digo para lermos somente as notícias, mas sim livros que vão libertar a sua mente, como *A Revolução dos Bichos*, e *1984*, ambos por George Orwell.

Abra os olhos da sua mente. LEIA! Essa é a maior forma de protesto contra a ignorância.

Bruna Keller

Rio de Janeiro, RJ

leia ANTES DE
pensar



QUANDO DEMOS INÍCIO ao Projeto Palavra Bordada, do Museu da República, eu não pensava em bordar nada de novo. No entanto, o grupo foi tão rico, as mulheres estavam incríveis e os relatos que surgiam eram tão potentes que foi praticamente uma convocação para que eu as acompanhasse. Minha palavra foi o neologismo cas(a)brigo, este lar que nos abriga mas também nos confina, que nos coloca em conflito com os nossos, o mundo e nós mesmas.

E a Medusa? Bom, importante dizer que, para mim, importa o processo, e não o produto, e isso foi conversado intensamente no nosso grupo. Percebi o quanto a experiência do bordado vem com abuso, padrão e opressão. E decidi bordar minha Medusa pq ela, como muitas, foi confinada a uma prisão simbólica por violência e silenciamento.

Antes de ser monstro, Medusa era uma belíssima sacerdotisa de Atena. Tão bela que Poseidon a assediava, sem sucesso, porque Medusa tinha feito voto de castidade como sacerdotisa. Indignado, Poseidon a violenta. E a engravida tb. Atena, quando soube do estupro, pune Medusa, por não ser mais casta. E a condena a ser um monstro e viver isolada, pois quem a olhasse se transformava em pedra. Depois, envia Perseu para matá-la e cortar sua cabeça.

Não me cabe aqui uma análise completa do mito, mas a essência tá aí. O que nos chega é a Medusa monstro; não a Medusa violada e abusada duplamente. O avesso do bordado é o avesso dessa história, o que não se conta. A maternidade é sempre o avesso, nos vira do avesso e o que não está visível ao senso comum, aos presentes, e às mensagens de felicitações.

Parabéns às Medusas do nosso mundo real.

Christine Ferreira Azzi

Rio de Janeiro, RJ



MUSEU DA REPÚBLICA

DIRETOR Mario Chagas

COORDENADORA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA Silvia Fenizola

COORDENADOR TÉCNICO Marcus Macri

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

Daniela Matera

Flávio Leão

Henrique Carvalho

Luís Carlos Dias

SETOR EDUCATIVO

Ana Paula Zaquieu

Christine Ferreira Azzi

PROJETO PALAVRA BORDADA

IDEALIZAÇÃO, COORDENAÇÃO E REALIZAÇÃO

Christine Ferreira Azzi

PARTICIPANTES

Fernanda Seixas, Denise Flores, Sarah John, Helena John, Estela John, Juliana Parda, Julia Mayer, Giana Guterres, Clarissa Bottari, Maria Cristina Leitzke, Beatriz Lopes, Amanda Falcão, Elizabeth Motta, Adriana Cavadas, Polliane Trevisan, Renata Bernardes, Luiza Ponciano, Cleide Menezes, Renata Bacellar, Fátima Rozadas, Leila Carrilho, Itan-dehuy Castañeda, Bruna Keller, Gabriela Buda e Andressa Lima.

DIAGRAMAÇÃO

Henrique Carvalho

Este projeto foi realizado durante a 18ª Semana de Museus, no âmbito dos 60 anos do Museu da República, em meio à pandemia da Covid-19. O livro foi composto em fonte Gentium Book, utilizando-se o programa InDesign.

